

CAPÍTULO VI – CONCLUSÕES

Após a discussão dos resultados, apresentam-se as conclusões do nosso estudo de acordo com os objectivos explicitados. Um dos objectivos deste estudo consistia em avaliar as autopercepções das crianças e jovens com Síndrome de Down na competência académica e na competência física, e verificar se existiam diferenças entre os géneros. Outro objectivo foi comparar as autopercepções, ao nível da competência física e da competência académica, entre as crianças com Síndrome de Down e as crianças do pré-escolar.

Para alcançar estes objectivos deparámo-nos com algumas limitações, as quais serão descritas neste capítulo, assim como algumas recomendações para pesquisas futuras.

6.1. CONCLUSÕES

Os resultados obtidos no presente estudo possibilitam-nos chegar às seguintes conclusões:

- No grupo de crianças e jovens com Síndrome de Down verifica-se que:
 - a média das pontuações é sempre positiva, tanto para a competência académica como para a competência física;
 - a média das pontuações obtidas na competência física é superior à obtida na competência académica.
- Na comparação dos resultados obtidos pelas raparigas e pelos rapazes com Síndrome de Down, observa-se que não há evidências estatísticas que permitam concluir que a percepção da competência física e académica, difere entre estes dois grupos. No entanto, os rapazes percebem-se de forma mais positiva que as raparigas.
- No grupo de crianças do pré-escolar pode constatar-se que:
 - a média das pontuações obtidas na competência física e na competência académica, é bastante elevada;
 - a média das pontuações obtidas é mais elevada na competência académica do que na competência física.
- Na comparação das autopercepções, ao nível da competência física e académica, entre géneros nas crianças ditas normais, os resultados

mostram que não existem diferenças estatisticamente significativas entre os resultados obtidos pelos rapazes e pelas raparigas. Mas, os rapazes revelam autopercepções mais elevadas do que as raparigas, em ambos os domínios da competência.

- Na comparação das médias de pontuações obtidas entre o grupo de raparigas com Síndrome de Down e o grupo de raparigas ditas normais, verifica-se que:
 - há evidências estatísticas que permitem concluir que existem diferenças entre os resultados obtidos para a competência física;
 - as raparigas com Síndrome de Down obtiveram médias de pontuações para a competência física mais elevadas do que as das raparigas ditas normais;
 - não há diferenças estatisticamente significativas entre os resultados obtidos na competência académica, entre as raparigas com Síndrome de Down e as raparigas ditas normais.
- Na comparação das médias de pontuações obtidas entre o grupo de rapazes com Síndrome de Down e o grupo de rapazes ditos normais, observa-se que não existem diferenças estatisticamente significativas, tanto na competência académica como na competência física.

6.2. LIMITAÇÕES DO ESTUDO

Durante a elaboração do presente estudo, surgiram algumas dificuldades e limitações que permitem justificar algumas estratégias adoptadas.

As limitações ocorreram fundamentalmente na recolha dos dados. Inicialmente pretendia-se conseguir uma amostra com trinta crianças ditas normais e trinta crianças com Síndrome de Down, todas a frequentar o ensino regular. No entanto, como já foi referido, foram poucas as escolas que responderam às cartas enviadas, e das que responderam, apenas três enviaram autorização para a aplicação da escala. Após novo contacto, via telefone, foram conseguidas mais algumas autorizações, mas a maioria das escolas demonstrou pouca disponibilidade. Houve ainda, necessidade de comparecer pessoalmente em algumas escolas para solicitar a dita autorização, no entanto na maioria delas, os encarregados de educação não autorizavam. Desta forma, foram conseguidas apenas oito autorizações para a

aplicação da escala a crianças com Síndrome de Down a frequentar o ensino regular, o que fez com que recorrêssemos às crianças do ensino institucionalizado. Sendo assim, a amostra do presente estudo ficou constituída por trinta crianças ditas normais e vinte e seis crianças/jovens com Síndrome de Down. Das crianças com Síndrome de Down, oito frequentam o ensino regular e dezoito frequentam o ensino institucionalizado.

Surgiram também dificuldades no estabelecimento de comparações entre os indivíduos da nossa amostra, principalmente ao nível da prática de actividade física. Inicialmente, um dos objectivos do nosso estudo consistia em verificar se existiam diferenças nas autopercepções, ao nível da competência física e da competência académica, entre os indivíduos que praticam actividade física e os que não praticam. No entanto, não foi possível estabelecer esta comparação, uma vez que da totalidade da amostra (N=56), apenas cinco crianças com Síndrome de Down não praticam actividade física regularmente.

Todas estas limitações tiveram como consequência a alteração dos objectivos do presente estudo, uma vez que não foi possível estudar apenas crianças a frequentar o ensino regular, da mesma forma que não foi possível estudar a diferença nas autopercepções entre praticantes e não praticantes de actividade física.

6.3. RECOMENDAÇÕES

O estudo realizado foi um óptimo meio de aprendizagem quer em termos de investigação, quer em termos dos conceitos de Síndrome de Down e de autopercepções. Neles podem encontrar-se pontos de reflexão e de motivação para o desenvolvimento de estudos no futuro, pelo que se sugerem as seguintes recomendações:

- Procurar uma amostra com o mesmo número de praticantes e de não praticantes de actividade física, de forma a realizar uma comparação entre estes dois grupos e verificar se existem diferenças nas autopercepções. Se existirem diferenças, procurar averiguar a influência da prática de actividade física.
- Sugere-se também a introdução de mais variáveis de caracterização dos indivíduos da amostra. Será importante estudar o tipo de escola

que frequentam, os seus resultados escolares, o tipo de actividade física que praticam e se são bem sucedidos.

- O facto de as autopercepções serem semelhantes entre o grupo de crianças com Síndrome de Down e o grupo de crianças ditas normais, parece ser devido a ambos os grupos possuírem a mesma idade mental. Considerando este aspecto, propõem-se a realização de um estudo comparativo com crianças da mesma idade cronológica para confirmar este facto.

A continuação de estudos nesta área, permitirá um desenvolvimento significativo de conhecimentos científicos e também de estratégias de intervenção com este tipo de população. Mas, o mais importante da investigação sobre as autopercepções das crianças e jovens com Síndrome de Down, reside na possibilidade desta poder contribuir para uma adaptação positiva às diferentes situações de vida.